

PSICOLOGIA E SAÚDE PSÍQUICA NO TRABALHO

PSYCHOLOGY AND PSYCHIC HEALTH AT WORK

ENTREVISTADOR



Marcelo Silva Carvalho — Estagiário da disciplina de estágio específico em Processo Saúde-Doença no Trabalho: Aspectos Conceituais e Metodológicos, da Ênfase “Subjetividade, Trabalho e Produção do Social” na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

ENTREVISTADO



Cassiano Ricardo Rumin — Docente de Pós-Graduação lato sensu em Engenharia de Segurança do Trabalho mantida pela FAI, na disciplina "Psicologia Aplicada a Segurança no Trabalho". Tem experiência na área de Saúde Coletiva, atuando principalmente nos seguintes temas: Saúde do Trabalhador, Acidentes do Trabalho, Sofrimento Psíquico no Trabalho, Trabalhadores Rurais, Psicologia Social e Psicologia da Saúde.

Resumo: Nessa entrevista, Cassiano Ricardo Rumin fala sobre sua trajetória profissional e os trabalhos realizados no campo da saúde do trabalhador. Comenta também sobre o cenário atual no mundo do trabalho em relação à saúde psíquica dos trabalhadores, principalmente no tocante aos fatores psicossociais, bem como sobre o papel da psicologia nessa temática.

Palavras-chave: Saúde do Trabalhador; Fatores Psicossociais; Saúde Psíquica.

Abstract: In this interview, Cassiano Ricardo Rumin talks about his career and the work done in the field of occupational health. Also comments on the current situation in the labor market in relation to worker's mental health, particularly with regard to psychosocial factors as well as on the role of psychology in this field.

Keywords: Worker's Health; Psychosocial Factors; Psychic Health.

Resumen: En esta entrevista, Cassiano Ricardo Rumin habla de su carrera y el trabajo realizado en el campo de la salud en el trabajo. También comenta sobre la situación actual en el mercado de trabajo en relación con la salud mental de los trabajadores, en particular con respecto a los factores psicossociales, así como sobre el papel de la psicología en este tema.

Palabras clave: Salud Ocupacional; Factores Psicossociales; Salud Psíquica.

ENTREVISTA

Entrevistador: Professor Cassiano, primeiramente gostaria de agradecer por ter concordado em ceder essa entrevista. Gostaria de começar pedindo para o senhor contar um pouco da sua trajetória profissional até agora e o que despertou seu interesse para atuar no campo da Saúde do Trabalhador.

Entrevistado: Agradeço o convite e sua atenção. Este convite permite a explanação dos fundamentos que articularam minha formação

profissional à saúde do trabalhador. No início da graduação observava as discussões sobre trabalho, especialmente, pela perspectiva dos acidentes e de seus desdobramentos sobre a vida dos trabalhadores. Então nas experiências de estágio participei do “Programa de Pesquisa e Intervenção Psicológica Aplicado à Saúde do Trabalhador”, coordenado por docentes do Departamento de Psicologia Experimental e do Trabalho da UNESP/Assis. Este estágio era desenvolvido em uma agência do INSS e executávamos a escuta dos trabalhadores acidentados que eram atendidos nesta instituição. Foram identificadas cadeias produtivas que contribuíam para a degradação da saúde dos trabalhadores. Por lidarmos com o relato subjetivo do trabalho era possível obter informações de situações de exploração do trabalho que nem mesmo eram formalizadas. Entre as estruturas produtivas identificadas por este método de abordagem das situações de acidente escolhi investigar as condições de vida e trabalho dos canavieiros. Foi possível me aproximar dos trabalhadores rurais desta indústria e desenvolver uma análise do trabalho industrial pautada na psicodinâmica do trabalho. Esta experiência de estágio deu fôlego posterior para minha Especialização em Saúde Pública (FCF/UNESP) e o Mestrado em Ciências Médicas (FMRP/USP). Nestas duas experiências de pós-graduação foi vivenciada a multidisciplinaridade, elemento de importância singular da atuação em saúde do trabalhador. Deste momento em diante já são mais de 10 anos coordenando o Núcleo de Atenção à Saúde do Trabalhador (NAST) nas Faculdades Adamantinenses Integradas (FAI). O NAST é um serviço de extensão universitária dirigido a saúde do trabalhador.

Entrevistador: Qual sua percepção sobre a saúde do trabalhador no mundo atual? (mundo do trabalho atual *versus* saúde do trabalhador)

Entrevistado: Uma percepção alarmante sobre saúde do trabalhador é a violência de distintas formas de exploração do trabalho e o enfrentamento segmentado destas condições. Melhor expondo, refiro-me às parcelas da população que trabalham em confecções de roupas, agroindústrias, serviços de educação e saúde e que tem a proteção de suas vidas relegadas a organizações sindicais fragmentárias, que não possuem uma pauta comum de reivindicações. Ainda assiste-se as investidas para flexibilizar a legislação trabalhista, que nos últimos anos se sintetiza na elevação da idade mínima para aposentadoria. Reflito se os trabalhadores que elenquei acima alcançam a enfatizada elevação da expectativa de vida — que justificaria as mudanças na aposentadoria — sem poder consumir serviços privados de saúde e submetidos ao trabalho extenuante.

Por outro lado parece haver uma alternativa para proteger a saúde dos trabalhadores que está no próprio arcabouço do SUS: a vigilância em

saúde do trabalhador. Os ambientes de trabalho necessitam ser abordados em seu cotidiano para que se exponham os determinantes que materializam a violência. Entretanto, a vigilância em saúde em saúde do trabalhador ainda é, em boa parte, restrita à epidemiologia.

Entrevistador: Quais são os mais relevantes fatores psicossociais no trabalho contemporâneo?

Entrevistado: O primeiro que devemos destacar é o gerencialismo do cotidiano de trabalho. São monitorados indicadores de produtividade, satisfação do cliente, de condutas proativas no cotidiano laboral, de qualidade de vida (perda de peso ou abandono do tabagismo). Este modelo de gestão produz a busca constante pela excelência, pela superação da expectativa do cliente e com isso sujeita o trabalhador a vivências melancólicas severas. Isto porque há um esforço muito grande para atender a prescrição da atividade. Aliás, nem mesmo se sabe bem qual é a prescrição da atividade; porque as expectativas dos clientes não são demandas. Expectativas são muitas vezes vagas e ligadas a fantasias; já as demandas são enunciados de quem deseja algo. Frente ao enunciado é possível até mesmo estabelecer algum tipo de arbitragem, ao dizer ao cliente que os serviços da empresa não atendem a solicitação do cliente. Mas frente as expectativas que devem ser atendidas, o trabalhador tem que ser polivalente, correr o risco de fazer o que não é habilitado para fazer e ainda ser responsabilizado pelas insatisfações. Daí temos um campo fértil para o sofrimento psíquico.

Outro fator relevante é a intensificação do trabalho. Exigências produtivas crescentes se associam a redução do número de empregados naquilo descrito como enxugamento da produção. As relações de sociabilidade são reduzidas a experiências objetivas, focalizadas no processo produtivo. Não deve haver espaço para a interlocução, para elaboração de conteúdos mobilizados pelo trabalho. Vale lembrar que compartilhar pode não resultar em eliminação do sofrimento, mas possibilita que se analise o sentido daquilo que se vivencia. Por vezes podem ser nomeadas alternativas. Mas mesmo que as alternativas não surjam, o trabalhador sente que não está só para lidar com o sofrimento. Pode, por exemplo, estar mais protegido das ansiedades paranoides.

Entrevistador: Qual o papel de um psicólogo ao se deparar com riscos psicossociais em um ambiente de trabalho?

Entrevistado: Um posicionamento importante do Psicólogo é auxiliar a elaboração da demanda. Para isso é preciso colher junto aos trabalhadores as impressões que organizam em relação ao trabalho. Vale

aqui o apontamento da Psicologia Institucional de que o Psicólogo se apresenta como um "arranjo de não-saber"; estando livre de soluções que tentará impor ao coletivo de trabalho e receptivo as tentativas dos trabalhadores de delimitar o próprio sofrimento.

Um outro movimento importante é o exercício de compreensão do sofrimento singular a partir da sobredeterminação institucional. Assim é possível perceber que o sofrimento não é oriundo apenas da história pessoal. É também resultante das estruturas de assujeitamento, de controle, de disciplina dos corpos. Portanto, se reproduzirá entre os trabalhadores e para ser enfrentado é necessário que sua lógica patógena seja compreendida.

Entrevistador: Quais as categorias de trabalhadores mais afetadas pelos riscos psicossociais?

Entrevistado: Elenco ao menos três categorias de trabalhadores que são fortemente afetados pelos riscos psicossociais: os desempregados, os invisíveis e os pouco qualificados. Os desempregados sofrem com a expectativa e os fracassos em torno da perversa experiência de inclusão/exclusão. Sem contar que as exigências materiais da vida ocasionam um intenso sentimento de impotência aos desempregados. Já os trabalhadores invisíveis (coveiros, lixeiros, coletores de recicláveis, por exemplo) são reconhecidos pela funcionalidade daquilo que fazem, mas não alcançam relevância enquanto corpos que se estabeleceriam como objeto de desejo. Poderiam experimentar o esgarçamento dos apoios que haveria nos espaços de sociabilidade. O isolamento seria um risco considerável para a saúde mental. Temos ainda os trabalhadores pouco qualificados, onde o exercício laborativo não garante uma reapropriação narcísica em relação aquilo que é produzido. Assim algo é transformado, mas não se lida claramente com seus resultados. É algo que verificamos entre trabalhadores terceirizados e prestadores de serviços: o trabalho é estranhado, seu resultado não produz referências que sustentariam a identidade do trabalhador.

Entrevistador: Como a psicologia pode contribuir para a área da Saúde do Trabalhador?

Entrevistado: Pode contribuir com o desenvolvimento de alguns campos de saberes e posicionando-se coletivamente ante a exploração do trabalho. Estes campos de saberes envolvem o reconhecimento do nexos causal do adoecimento com o trabalho. É necessário empenho para aprimorar a acuidade dos métodos de avaliação psicológica e também incorporar ao contexto clínico da prática profissional em Psicologia as

concepções de saúde mental e trabalho. Além disso, é necessário ampliar as referências técnicas sobre a reabilitação de trabalhadores. A reabilitação não deve se restringir aos cuidados em saúde mental. É importante compreender os elementos componentes da retomada do trabalho e da nova posição assumida no contexto produtivo; algo que compreende a corporeidade e os vínculos subjetivos.

Quanto ao posicionamento ante a exploração, compreendo que os currículos de formação em Psicologia apresentam o trabalho de modo fragmentário (em uma disciplina ou em um estágio). É relevante incorporar a categoria trabalho nas disciplinas que abordam a Sociologia, a Ética, a Avaliação Psicológica e a Saúde Coletiva. Com isso talvez fosse possível, já na graduação, verificar reflexos das discussões realizadas no "Sistema Conselhos" (Federal e Regionais) sobre a temática trabalho.

Entrevistador: Quais são os desafios atualmente para os psicólogos e outros profissionais que pretendem atuar no campo de Saúde do Trabalhador?

Entrevistado: Para os profissionais de Psicologia este campo é restrito se considerarmos que, de acordo com as Normas Regulamentadoras do Trabalho, não compomos as equipes de segurança das empresas. Haveria uma brecha nesta normatização se considerarmos que, como qualquer outro trabalhador, é permitido integrar a Comissão Interna de Prevenção a Acidentes (CIPA). Mas aqui voltamos a falar dos currículos de graduação. Se as perspectivas teóricas e técnicas em saúde do trabalhador não foram incorporadas à graduação é provável que a lógica da prevenção comportamental seja reproduzida pelos psicólogos. A ênfase na falha humana e no ato inseguro reproduziria uma perspectiva particular da Engenharia de Segurança que há tempos a Psicologia se esforça para desconstruí-la.

As perícias judiciais são também um espaço onde psicólogos podem empregar seus saberes e propiciar a garantia de direitos. Esta perspectiva é oriunda da elevação dos agravos à saúde mental relacionados ao trabalho e à tentativa de reconhecimento de seu nexos causal nos tribunais trabalhistas. Contamos, no Brasil, com uma sólida discussão sobre o tema nos meios acadêmicos e ela precisa ser transposta para a Justiça do Trabalho. A este campo associa-se a própria perícia do Instituto Nacional de Seguro Social, que pauta-se em precárias referências sobre o sofrimento psíquico para efetivar os direitos securitários. Então, seria exigido um fortalecimento das práticas profissionais em Psicologia nestes campos que lidam com a saúde do trabalhador e a garantia de seus direitos.

Finalizo esta entrevista ampliando a resposta para as profissões que atuam em saúde do trabalhador. As residências multiprofissionais são instrumentos que poderiam capacitar estes profissionais. É possível que, com elas, as demandas em saúde do trabalhador fossem melhor incorporadas no cotidiano do SUS, local onde boa parte destes profissionais posteriormente desenvolveriam suas atividades. As residências multiprofissionais também contribuiriam com referências em reabilitação de trabalhadores, algo ainda de pouca expressão no Brasil. As ações em torno da reabilitação ofereceriam enfrentamento à situação de penosidade que as sequelas dos acidentes e doenças impõem aos trabalhadores, apoiando a integralidade dos cuidados em saúde.

Nota

Esta entrevista foi realizada como parte da avaliação da disciplina Processo Saúde-Doença no Trabalho: Aspectos Conceituais e Metodológicos, sob a supervisão da professora Maria Luiza Gava Schmidt – Departamento de Psicologia Experimental e do Trabalho – FCL – UNESP – Campus de Assis – SP.

Entrevista Submetida em: 18/01/2016

Aprovada em: 27/ 01/2016

Versão final apresentada em: 30/06/2016